

A FIGURA DE HELENA EM EURÍPIDES E EM GÓRGIAS – CONTRAPONTO

THE CHARACTER OF HELEN IN EURIPIDES AND IN GORGLAS – SOME CONTRASTS

Fernando Crespim Zorrer da **SILVA**¹

Resumo: Helena representa um ícone na literatura grega, e, apesar das críticas, ainda se constitui em um símbolo de beleza. Trata-se, aqui, de contrapor duas obras de áreas do conhecimento distintas, isto é, *Helena* de Eurípides e o *Elogio de Helena* de Górgias. O texto dramático sugere que a personagem não foi para Tróia e nem traiu o marido; apresenta também outros traços da personagem que o dramaturgo não havia mencionado em outras tragédias. Já o texto do filósofo avalia a inocência de Helena, defendendo-a, independentemente dos motivos que a conduziram a ir a Tróia junto com Páris. Deste modo, ambos os textos convergem em apontar não só os defeitos bem como as virtudes de Helena.

Palavras-chave: Helena. Górgias. Eurípides. Tragédia Grega. Retórica Grega

Abstract: Helen is an iconic figure in Greek literature and, despite some criticisms, she is still an archetype of beauty. This study compares two works from distinct areas of knowledge: Euripides's *Helen* and Gorgias's *Encomium of Helen*. The drama by Euripides suggests that the character neither went to Troy nor betrayed her husband and also describes other traits of the character not mentioned by the playwright in other tragedies. Gorgias's rhetorical work, on the other hand, argues for Helen's innocence, defending her regardless of the reasons why she eventually went to Troy with Paris. Therefore, both works converge in pointing out Helen's vices and virtues.

Keywords: Helen. Gorgias. Euripide. Greek Tragedy. Greek Rhetoric

Examinar a figura de Helena demanda compreender a complexidade do tema, considerando os inúmeros ataques os quais a personagem sofreu ao longo da Antiguidade. Em termos de tradição, a figura de Helena carrega tanto o poder como a beleza de Afrodite e de eros, além de trazerem junto de si a destruição (WOLFF, 1973, p.62). A duplicidade e todos os aspectos que podem estar nela contidos aparecem em Helena. Neste sentido, considerando os limites que são necessários para este texto, a proposta é examinar uma imagem mais positiva dessa heroína em duas obras, isto é, na tragédia homônima, do tragediógrafo Eurípides, e no *Elogio de Helena*, do filósofo sofista Górgias de Leontino. No caso do dramaturgo grego, há outras

¹ Bolsista de Pós-Graduação no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (UESP). Endereço eletrônico: Fernando.zorrer@gmail.com.

obras que também tratam da mesma personagem, no entanto, as críticas ali apresentadas não serão examinadas por completo; não se procura, aqui, traçar um contraponto exaustivo, mas, quando for o caso, poderemos mencionar as peças *Troianas* (415), *Orestes* (408), *Andrômaca* (429? 417?) e até o drama satírico *Cíclope* (415), no qual a filha de Leda é considerada uma mulher de muitos homens, v. 179-187. Há muitas referências sobre Helena nas tragédias gregas e poderia ainda ser mencionado o drama *Agamêmnon*, de Ésquilo, bem como outros textos. No caso de Górgias, não há outra obra que trate desse mito. É bom lembrar que os filósofos sofistas apreciam os caracteres míticos, pois lhes proporcionam vantagens em suas investigações (INNES, 1991, p.229). Trata-se, assim, de obras provenientes de pensadores de áreas distintas do conhecimento humano mas que mantém elos em comum. A questão maior é salientar a inocência dessa personagem, pelo menos, em tais documentos, assinalando que pode haver erros de julgamento quando se analisa uma figura tão importante como é Helena, condenada sem uma melhor avaliação. Além disso, Charles Segal comenta que o modo como Helena é analisada por Górgias aproxima-se do método empregado por Eurípides, isto é, utiliza mecanismos racionais e psicológicos do modo mais moderno (SEGAL, 1962, p.101). Desta forma, tal afirmação revela-nos como ambos os pensadores podem ser contrapostos sem que haja algum tipo de erro no enfoque deste trabalho.

Há um contraponto importante na compreensão não só na figura de Helena, da parte de Górgias, mas na própria forma desse filósofo encarar um indivíduo, pois examina-o sob diversos aspectos; neste caso, o sofista não necessita de um enredo, como sucede em uma tragédia, para poder argumentar; mas, livremente busca os mais diferentes argumentos para defender uma ideia como sucede aqui. O filósofo não coloca a personagem em ação para examinar como Helena reage diante de ações e das falas de outros indivíduos; neste caso, atribuiu um ato a ela e procura examinar tal assunto de todas as formas, e, apresenta, mais do que nunca, uma solução que resulta na defesa da filha de Leda. Tal texto expressa uma visão da literatura e da oratória que deveria se aproximar não só da prática do filósofo bem como de suas crenças (SEGAL, 1962, p. 102).

No caso de Eurípides, apesar das críticas condenatórias que se observam em sua obra trágica em relação à esposa de Menelau, o dramaturgo construiu uma peça, *Helena*, na qual há indícios da humanização dessa personagem, além de, de certo modo, se observar ironias e julgamentos velados ao seu comportamento; não se vislumbra, em tal obra, uma condenação contundente contra Helena como se verifica nas *Troianas*. Na realidade, em *Helena*, a personagem homônima não está sozinha mas segue acompanhada de seu marido o qual também recebeu

juízos desfavoráveis pelos seus atos não só nesta obra bem como em *Andrômaca*, além disso, nem Menelau é mencionado no texto de Górgias. Naquele texto de Eurípides, o irmão de Agamêmnon, ao avaliar a sua aparência, o seu comportamento, a sua carência de iniciativa, além da desenvoltura de Helena, terminam por despojá-lo de toda a sua glória (LEE, 1986, p.312). Há pensadores que pensam diferente da nossa concepção, mas não seguimos os seus raciocínios (PODLECKI, 1970, p.403 ss).

Górgias, de certo modo, não faz só uma apologia dos atos de Helena, também aproveita para dissertar sobre outros assuntos de seu interesse. Neste caso, Helena se constitui o ponto para as suas reflexões, para a sua defesa, bem como para a exposição de seu método de trabalho. No caso de Eurípides, de acordo com F. Solmsen (1934), Eurípides não é o primeiro a colocar Helena no Egito e a sua imagem, *eidolon*, em Tróia. Há registros de tal possibilidade em Hesíodo bem como em Heródoto, mas não são tão importantes e consistentes. O helenista julga melhor mencionar o texto de Estesícoro, na sua obra *Palinódia*, que suporta a ideia de Eurípides, pois Helena não teria ido a Tróia mas somente a sua imagem teria seguido até a cidade de Príamo. Apesar das dúvidas em torno da ideia de Estesícoro, Heródoto seria, na verdade, a primeira fonte (SOLMSEN, 1934, p.119).

Antes de mais nada, Helena se apresenta da seguinte forma:

Quanto a mim, tenho por pátria a célebre Esparta e é Tíndaro o meu pai. Conta-se, porém, que Zeus, sob a forma alada de um cisne, voou sobre a minha mãe, Leda, e, fingindo escapar à perseguição de uma águia, logrou unir-se a ela com este embuste (20) – se é que a história é verdadeira... .

Há em tal passagem ironia bem como questionamento do autor em relação à paternidade da personagem, ou seja, realmente Helena é só filha de Tíndaro. Górgias igualmente relata a descendência de Helena, revelando a sua nobreza; de modo sutil expõe a descendência da heroína; ressalta a grandeza tanto de Tíndaro como a de Zeus. Além disso, antes de ter exposto a descendência, enfatiza que Helena quer seja por sua natureza quer seja por sua genealogia, é o que de melhor existe entre as mulheres e os homens, isto é, Helena está acima de todos os mortais de acordo com essa lógica. Górgias sabia das críticas contra a paternidade divina de Helena, pois comenta que Zeus foi tratado com desprezo, § 3². Se, no texto de Eurípides, há a dúvida quanto à paternidade, aqui, tal questionamento é mencionado, mas não é referendado, pois Zeus é o senhor do universo. Desta forma, por ter dois grandes pais, isto é, pela paternidade especial que ela possui, merece todo o destaque possível.

2 - Toda a vez em que aparecer um § (marca de parágrafo) remete ao texto de Górgias, *O elogio de Helena*, que igualmente é mencionado nas Referências.

Não há nada que se aprove dos atos e dos pensamentos de Helena, se examinarmos a maioria das tragédias de Eurípides. As censuras mais comuns são a sua cobiça, a sua banalidade no comportamento, a sua falta de respeito diante do sagrado. Analisemos uma de tantas cenas: Helena é acusada de ser uma mulher pouca piedosa, como Electra, pois essa reclama e censura a esposa de Menelau, em *Orestes*, quando observou que ela cortou um pequeno pedaço do cabelo, como faz parte do ritual grego, para realizar as libações nos sacrifícios, v. 128-129. Através desse pequeno corte, Helena estaria, assim, preservando a sua beleza. Aqui, em *Helena*, se observa a personagem homônima atuando boa parte do tempo junto ao túmulo de Proteu, cujo filho, Teoclímeneo, deseja desposá-la à força, isto é, a fidelidade ao marido está ameaçada (WOLFF, 1973, p.64). Trata-se de uma opção de fuga diante da ameaça, pelo menos é o que se observa em um primeiro momento. Eis o quadro inicial da filha de Tíndaro: presa em uma ilha, com ameaças de um casamento forçado em um lugar muito distante de sua casa e de Tróia. Agora o pensador Górgias trabalha com outra hipótese e, neste caso, faz justamente o contrário, pois, Helena foi para Tróia e não é culpada pelos seus atos. O que importa para esse filósofo consiste em retirar a acusação, isto é, a culpa que Helena tem por ter seguido Páris até Tróia bem como libertá-la da calúnia a qual recebeu, conforme o § 2. Eis o centro de reflexão do texto filosófico. Não faz um exame de outros tipos de ações dessa personagem.

Se Helena realizasse um severo corte nos cabelos, revelaria o quanto a personagem é piedosa? A questão é que o dramaturgo nos coloca em uma situação complexa, pois será que esta Helena, a que aparece na peça homônima, não é como a das peças *Troianas* e *Orestes*? Tal personagem teria realizado, de fato, tal corte de cabelo se Melenau, efetivamente, estivesse morto? De acordo com o texto trágico em questão, em *Helena*, a tendência é que sim. Se observamos um pouco mais de perto o comportamento da filha de Tíndaro, podemos encontrar indícios positivos, como, por exemplo, o encontro amoroso entre o casal; a postura da personagem diante da irmã de Teoclímeneo; também ela não tolerou ter um outro casamento por meio do qual obteria grandes benesses materiais, e, assim, faria jus à crítica que Hécuba a fez, nas *Troianas*, pois a acusa de ter cobiçado joias, tesouros e outros bens e por isso veio à Tróia e dessa cidade não quis se afastar, mesmo tendo diversas chances para tanto. Helena, sem sombra de dúvida, dado o poder que Teoclímeneo demonstra ter, teria tudo o que desejasse, mas não o quis. Ela não apresenta na peça, com exceção do término dessa (ato que poderia ser encarado como um grito de liberdade, de todas as coisas que necessitou suportar ao longo de tantos anos), um atitude de fúria em relação ao conjunto dos bárbaros, pois ela mesma confessa que é bem tratada pelos indivíduos com os quais convive. No entanto, o dramaturgo não a coloca em diálogo com

outros servos, a não ser com Teoclímeno e com a sua irmã, Teónoe. Fato importante e, talvez, decisivo é que Teónoe tudo enxerga, tudo vê, possui o dom de ver o futuro – é uma profetisa. Se Helena fosse tão pérfida e mesquinha, de modo algum, a adivinha tê-la-ia ajudado na sua fuga se aquilo que ela mais desejava era ver o marido e os seus familiares, não passasse de um engodo, de uma atitude vil.

Examinemos mais de perto a cena em que Helena e Menelau simulam que esse último tenha morrido, além de retomarmos a questão dos atos da filha de Leda; se essa personagem o faz, é para produzir uma cena de luto de tal modo que persuada a Teoclímeno, permitindo que ela escape juntamente com Menelau; é uma farsa, é o teatro dentro do teatro (esse emprego da metalinguagem por parte de Eurípides faz realçar ainda mais a trama), que exige roupa adequada, palavras de acordo com a ocasião (mais adiante, se observará que Helena poderia ter deixado tudo a perder, se Teoclímeno fosse mais esperto, mais propenso ao exame das palavras, pois não compreende plenamente o significado de todo o discurso da esposa de Menelau (PIPPIN, 1960, p.153-4). Na verdade, o irmão de Teónoe é ludibriado não tanto pela esperteza de Helena mas por sua patética esperança que tudo o que ela diz é verdade, além de estar presente a sua avidez em vê-la como esposa (LEE, 1986, p.313). Esse personagem fará tudo o que ela pedir para tê-la em seu domínio. Com as respectivas ressalvas, é um retorno do embuste de Odisseu em relação a Polifemo, que é enganado facilmente por um jogo de palavras, conforme aparece no canto IX da *Odisséia*. Desse modo, ambas as cenas que se referem ao corte de cabelo, tanto a de *Orestes* como a de *Helena*, se combinam e indicam a capacidade para a simulação, para o aspecto teatral, tudo é demonstrado pela filha de Leda.

Ela, a filha de Tíndaro, é vil ou não, afinal? Será que há uma definição além dessa dualidade? O dramaturgo estaria, assim, apresentando uma tragédia na qual, mais uma vez, Helena, não importa se está junto aos muros de Tróia ou junto ao povo de Teoclímeno, agirá do mesmo modo? A tragédia *Helena* se constituiria na versão da mesma personagem Helena que aparece nas *Troianas*? Na verdade, o dramaturgo, que é um criador, um escritor, examina o mesmo assunto de diferentes formas. Vale trazer a imagem que Jacqueline de Romilly apresenta a seu respeito, como o mais moderno dentre os dramaturgos (ROMILLY, 1986, p.10). Ele constrói novas obras sobre o mesmo tema, sempre buscando uma melhor clareza sobre o assunto e/ou procura um novo enfoque. Já no texto de Górgias, o filósofo sofista apresenta uma ampla defesa de Helena sem deixar maiores dúvidas sobre o comportamento da heroína. Na verdade, o escritor é um indivíduo que pode criar e recriar a sua obra literária. É o caso, por exemplo, na obra de Eurípides, da segunda tragédia sobre Hipólito e Fedra, uma vez que a primeira tragédia a

respeito desse mesmo mito não foi bem recebida pelo público. Neste caso, o dramaturgo poderia, simplesmente, não ter criado novamente sobre o mesmo assunto, no entanto, não foi esse o caso.

Christian Wolff analisa a atuação de Helena e consegue apresentar uma nova síntese de como compreender a esposa de Menelau. O helenista assinala que a nova Helena é diferente da anterior, que abarcava tanto *eros* como a ruína, fazendo uma perfeita combinação. Na verdade, possuía os ingredientes para a discrepância. Agora a referida personagem é virtuosa, age como esposa exemplar e está longe do mundo público. É verdade que ela não repudia a antiga Helena, como se observa no desenrolar da peça, mas a assimila, seus desejos, sua atração sexual, além da inspiração para lutar (WOLFF, 1973, p.76-7). No nosso entendimento, não há a marca de uma Helena pura, virtuosa, sem indignação em relação às circunstâncias as quais tem passado ao longo de muitos anos. Já na visão de Donatella Galeotti Pappi, essa teórica questiona qual não seria o melhor recurso, do que apresentar uma suplicante na abertura da peça. A questão é que ali Helena não corre qualquer risco que a faça uma suplicante diante de uma situação trágica, como sucede, por exemplo, nas *Suplicantes*, de Ésquilo, na qual as danaides buscaram o altar para a proteção. A helenista acredita haver um indicativo de que Helena não deve ser tão seriamente encarada. De certo modo, ao longo da tragédia, há o registro de traços ambíguos que insinuam a comparação com as atitudes e o comportamento dessa personagem nas *Troianas* (PAPPI, 1987, p.34). Além disso, é importante que se esclareça que Menelau e Helena não são semelhantes, mas há outros teóricos, que, por diversos motivos, pensam diferentemente (PODLECKI, 1970, p. 405). Após todas essas opiniões, entendemos que o que resulta é a imagem de uma mulher com traços humanos, com defeitos, com inseguranças e com a possibilidade de não ser tão culpada assim, como sugere o texto de Górgias, de modo mais incisivo.

Em Eurípidés, poder-se-ia avaliar a beleza de Helena apesar de tantos anos após o seu encontro com o esposo; a partir do relato de Menelau, é assinalado que a guerra de Tróia durou dez anos e está preso no mar faz sete anos, ou seja, dezessete anos já se passaram, v. 775-776. Na verdade, o rei local quer desposá-la; ele representa a figura do bárbaro; há passagens no texto no qual se compara indiretamente esse personagem à figura de Páris. Para Górgias, a beleza de Helena é absoluta, isto é, no que diz respeito a um período anterior a toda essa confusão reportada por Eurípidés. Ela foi capaz de trazer inúmeros homens, com as melhores credenciais, como, por exemplo, com fama, com riqueza, com genealogia. Além disso, no texto de Eurípidés, a beleza ainda é significativa, mas é duramente questionada por Helena. Nos versos 195 ss, é mencionado pela heroína que “As ruínas de Tróia, consome-as um fogo devastador, por causa de

mim, origem de tantas mortes, por causa do meu nome, fonte de tantas penas”³. O nome dela traz a destruição e remete à dor; Teucro quando a viu, não clamou nada quanto à beleza de Helena, somente se fixou sobre a semelhança com a 'suposta Helena' feita pelos deuses; é um indício de que a heroína esteja realmente diferente. Na verdade, há uma tensão entre nome e objeto que é enfaticamente repetida no texto de Eurípides (ver SOLMSEN, 1934, p.119-20), questionamento que não ocorre no texto de Górgias, pois ali o filósofo está apresentando os argumentos para tirar a culpa bem como eliminar as calúnias que Helena sofreu; não há espaço para tais problemáticas, pois afetariam toda a argumentação. Além disso, a questão da beleza é avaliada tanto da parte de Helena, atuando como sujeito das ações, pois ela abandonou a família, por ter contemplado Alexandre e dele se enamorado, bem como a filha de Leda serviu como objeto de desejo por muitos homens; não importa o motivo, se partiu dela ou não a ruptura: sempre será inocente. Além disso, no verso 256, do drama de Eurípides, é mencionada a “malfadada beleza” no que contribui com a afirmação no prólogo, proclamada pela própria Helena, de que, v. 25 ss, “Ora, Cípris, que me prometera a Páris em casamento, aliciando-o com a minha beleza – se pode chamar-se belo ao que traz infortúnio –, foi a deusa vencedora”. Em nenhum momento, Górgias trabalha com a crítica em relação à beleza ou a associa à desgraça.

A própria filha de Leda roga que não tivesse a beleza que possui a fim de não causar tantos danos “O certo é que a minha vida e os seus reveses são já um prodígio, uns por causa de Hera, outros por culpa da minha beleza. Quem dera que, branqueada como uma estátua e de novo pintada, a minha imagem, em lugar de bela, se tornasse disforme”, v. 259 ss. Mais adiante, nos versos 300 ss, menciona a beleza como infortuna na sua vida se comparada com a das outras mulheres, “Afortunadas são as outras mulheres pela sua beleza, enquanto, para mim, foi precisamente esta a causa da minha perdição”. Na verdade, a personagem não consegue entender certas questões; a beleza que ela possui faz parte de si mesma, do seu corpo (WOLFF, 1982, p.81 ss). Poderia fazer algo nesse sentido, tornando-se feia, v. 262 ss, que é o que ocorre posteriormente, quando até faz isso, em tornar-se temporariamente não-atraente, destruída pelo suposto luto pela morte do seu marido, com a intenção de enganar e de escapar do lugar no qual está. Por fim, Christian Wolff enfatiza que realmente ela não é culpável, mas unicamente possui uma má reputação, *duskleés*, ver verso 270, dessa tragédia, além de *Orestes*, v. 600 ss, também de Eurípides. É justamente o que Górgias deseja fazer em seu texto: livrar Helena da má reputação, § 15. Para tal tarefa, articula um conjunto de possibilidades que teriam interferido nas ações de Helena, como o Destino, a Necessidade, os deuses, ou foi raptada, persuadida pelos discursos ou,

3 - Todas as traduções da peça *Helena*, de Eurípides, são da helenista Alessandra Cristina Jonas Neves Oliveira cuja obra é citada nas referências.

simplesmente, arrebatada pelo Amor, § 2. A partir dessa constelação de agentes, Helena pode ter sido agenciada por um deles e realizou os atos do qual foi acusada.

Como o assunto da beleza é continuamente retomado na tragédia, negando a ideia de que, se for bela, tudo vai dar certo, entendemos que é justamente a melhor pista para aceitar algo que o texto dramático vem ressaltando desde o início: a beleza não se constitui em um item decisivo para a avaliação pessoal de um indivíduo; também não se deve avaliar Helena somente pela beleza, mas pelo seu comportamento, pelas suas ideias, pelas suas escolhas diante da vida. Trata-se de um truque narrativo que o autor emprega. Não é a primeira vez que Eurípides faz isso. Em *Hipólito* (428), há o relato de Afrodite, que revela toda a trama da tragédia, no que inclui a paixão de Fedra pelo enteado, bem como a morte de ambos os heróis, além do pedido de Teseu a Posídon que mate o próprio filho. No entanto, a personagem que representa o pivô em termos de desencadeamento da trama, a aia, não é mencionada. Neste sentido, trata-se de um recurso para deslocar a atenção para outro elemento, neste caso, o papel de uma determinada personagem, que merece ser melhor avaliada; a atenção da compreensão da peça tem que estar não só na trama, mas também deve estar centrada em outros elementos que compõem a tragédia.

Eis a equação do texto: Helena, em certos momentos, é encarada e analisada tanto pelo seu corpo bem como pelo seu caráter, como, por exemplo, na conversa que ela manteve com Teucro; por temor, decide não se revelar, ainda mais por saber que é odiada; o herói grego apresenta uma série de acusações contra ela; aqui, ela assume um outro ser; emprega a máscara para conseguir conversar com o guerreiro grego sem que seja descoberta; é o mesmo recurso que empregará tão bem diante de Teoclímeno, ao enganá-lo, simulando o luto por Menelau. Tal capacidade, por parte de Helena, de simular a verdade, não representa algo isolado na cultura grega. Há inúmeros textos na literatura grega nos quais se observa o conhecimento atribuído às mulheres que resulta na capacidade de dupla fala, que engloba verdade e a sua imitação (BERGREN, 1983, p.69 ss). Agora, no final da conversa, após Teucro ser advertido por Helena sobre o perigo em tentar se aproximar de Teóne, profetisa, irmã de Teoclímeno, o guerreiro destaca “Ainda que o teu aspecto seja idêntico ao de Helena, como é diferente o teu coração!”, v. 159-60. Neste caso, não se trata mais de julgar unicamente a aparência, mas os atos que a personagem Helena pratica; no entanto, o guerreiro não sabe que se trata da verdadeira Helena; Teucro julga a esposa de Menelau a partir dos atos da filha de Leda, sem saber que se trata, realmente, da própria Helena. A polaridade entre ato e nome perpassa toda essa tragédia, como já se comentou anteriormente. Também Helena poderia, muito bem, levá-lo a uma emboscada e tentar obter algum tipo de benefício junto a Teoclímeno; no entanto, não seguiu tal postura. A

filha de Tíndaro agiu de modo cortês, fez perguntas sobre o que houve na guerra de Tróia, tentando, assim, obter informações acerca de sua família, que, por sinal, são notícias profundamente desastrosas. No entendimento da helenista Alessandra Cristina Jonas Neves Oliveira (2015), Eurípides possivelmente teria criado a ideia de que a mãe de Helena se suicidou. Neste caso, o dramaturgo estaria seguindo uma linha diferente do mito, atualizando-o, para obter maior dramaticidade, pois a suposta ida da verdadeira Helena provocou inúmeros desastres não só ao longo da guerra de Tróia bem como no interior de sua própria família. (EURÍPIDES, 2015, p. 119, nota 20).

Agora no plano divino, na interferência dos deuses na vida dos homens, o texto do filósofo sofista apresenta explicações as quais não há a mesma tensão, complexidade e desmandos divinos como acontece no drama *Helena*. No *Elogio de Helena*, o filósofo assinala a importância do poder da divindade e nem apresenta qualquer tipo de questionamento até mesmo diante de entidades como o Destino e a Necessidade, ao passo que, na tragédia de Eurípides, a figura dos deuses é amplamente questionada e recebe os mais variados tipos de asserções; veja-se, principalmente, o caso de Afrodite que não só é apontada como a responsável por Helena estar ali, afastada de todos de sua família, bem como é mencionada como uma das divindades que conseguiu persuadir Deméter a demover de seu estado destrutivo. Também é certo que, em outros textos, como nas *Troianas*, Helena não comenta se foi coagida por Afrodite por ameaças, como também sucede na *Ilíada*, III, v. 383 ss, ou que a fez cair em amor por Páris, como sugere em *Ifigênia em Áulis*, v. 573-89 (LLOYD, 1984, p.307). Os exemplos podem ainda ser ampliados, revelando a teia de agenciamentos por parte dos deuses na vida de Helena. A complexidade do texto de Eurípides vai ainda mais longe, conforme atesta Christian Wolff, que comenta a respeito da filha de Tíndaro, pois, após se referir às terríveis origens, censura pela presença de uma terrível agente, v. 261, Hera (WOLFF, 1973, p.80). Também esclarece que é justamente graças à essa divindade que Helena se salvou de Páris, além de não ter perdido a virtude, conforme os versos 241-6, 44-8, 1670-2. Uma das possíveis conclusões é que o que sucede no plano divino também se aproxima do que se desenrola no plano dos mortais. Helena, com certeza, não é boa nem má; é uma constatação. Já os deuses também: não são tão bons e nem tão maus. O espelhamento entre esses dois planos parece inevitável. Não há um grupo que seja melhor ou pior, mesmo que se aposte que os deuses são os melhores por sua natureza. O texto dramático de Eurípides levamos por esses tipos de constatações e nos põe diante desse tipo de impasse.

No início da tragédia de Eurípides, após o mensageiro saber do que houve, comenta que “Minha filha, como é inconstante e insondável o divino!”. Se para Górgias, as ações dos deuses

não permitem culpar o humano, tendo como consequência, o fato de que Helena está absolvida do seu ato se um deus deliberou, aqui, no texto de Eurípides, de certo modo, há uma semelhança quanto à atuação divina, não se sabe, ao certo, se os deuses, por causa das suas ações, são culpáveis ou não. Tal história se aproxima da personagem Íon, da tragédia homônima, cujo deus Apolo, gerou à força o seu filho, porém não apareceu no final da tragédia temendo represálias. Em outra obra do dramaturgo, em *Hipólito*, as ações humanas terminam por ser desculpáveis, pois os homens erram, quando os deuses o permitem, conforme comenta Ártemis, v. 1433-4. Não que fosse uma ideia claramente decisiva, mas ali, na verdade, consiste em uma saída dramática para um momento tão complexo na peça bem como representa mais uma opinião sobre uma questão que é demarcar os limites das ações dos homens e as dos deuses.

Após o exame de algumas questões, conclui-se que ambas as obras, *Helena*, de Eurípides, e *O elogio de Helena*, de Górgias, conseguem, acima de tudo, apresentar uma imagem mais positiva de Helena. O que se ressalta, aqui, é o caráter humano de Helena, com acertos e erros, com egoísmos e tentativas de sobrevivência, principalmente, do ponto de vista de Eurípides. No caso de Górgias, apesar do texto não apresentar tanta tensão como a tragédia em questão, a defesa empreendida em nome de Helena, mesmo que o filósofo siga uma linha menos usual do mito, permitiu pensar em uma alternativa diferente do que tem sido realizado até aquele momento. Ambos os textos conseguem romper com o estigma, cada um a sua maneira, que o nome Helena invoca ao longo da literatura grega. Novas obras sempre são bem-vindas para contribuir na formação de uma imagem de uma personalidade tão importante, como é o caso de Helena.

Referências

- BERGREN, Ann L. T. Language and the female in early greek thought. *Arethusa*, v. 16, p. 69-95, 1983.
- EURÍPIDES. *Helena*. Trad. intr. coment. de Alessandra Cristina Jonas Neves Oliveira. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra / Annablume, 2015.
- GÓRGIAS. *Fragmentos e testemunhos*. (sofista grego, século V a. C.). Trad. coment. e notas de Manuel José de Sousa Barbosa e Inês Luisa de Ornellas e Castro. Lisboa: Colibri, 1993. (Mare Nostrum).
- INNES, D. C. Gorgias, Antiphon and Sophistopolis, *Argumentation*, v. 5, 1991, p. 221-27.
- LEE, Kevin H. Helen's Famous Husband and Euripides Helen 1399, *Classical Philology*, v. 81, n. 4, 1986, p. 309-313.
- LLOYD, Michael. The Helen Scene in Euripides' Troades. *The Classical Quarterly*, v. 34, n. 2, 1984, p. 303-313.
- PAPI, Donatella Galeotti. Victors and Sufferers in Eurípides' Helen. *The American Journal of Philology*, v. 108, n. 1, 1987, p. 27-40.
- PIPPIN, Anne Newton. Euripides' "Helen": A Comedy of Ideas. *Classical Philology*, v. 55, n. 3, jul., 1960, p. 151-163.

- PODLECKI, Anthony J. The Basic Seriousness of Euripides' Helen. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, v. 101, 1970, p. 401-418.
- ROMILLY, Jacqueline de. *La modernité d'Euripide*. Paris: Press Universitaires de France, 1986.
- SEGAL, Charles P. Gorgias and the psychology of the logos. *Harvard Studies in Classical Philology*, v. 66, p. 99-155, 1962.
- SOLMSEN, F., Onoma and Pragma in Euripides' Helen, *Classical Review*, v. 48, 1934, p. 119-20.
- WOLFF, Christian. On Euripides' Helen. *Harvard Studies in Classical Philology*, v. 77, 1973, p. 61-84.

Chegou em: 31-12-2015

Acceito em: 14-04-2015